

A tradução de marcadores linguísticos da cultura árabe no par de obras *Relato de um certo Oriente* / *The tree of the seventh heaven*

(The translation of culturally marked terms of the Arabic culture in
Relato de um certo Oriente/ *The tree of the seventh heaven*)

Patrícia Dias Reis Frisene¹

¹Universidade Estadual Paulista de São José do Rio Preto (UNESP)

patdrfrisene@hotmail.com

Abstract: This paper presents some results of a study on culturally marked terms of the Arabic culture in a *corpus* that consists of the Brazilian novel *Relato de um certo Oriente* (1989), by Milton Hatoum, and its translation into English *The tree of the seventh heaven*, by Ellen Watson. For the analysis of culturally marked terms, we followed the interdisciplinary approach proposed by Camargo (2005, 2007) involving corpus-based translation studies (BAKER, 1993, 1995, 1996, 2000), and the investigations of cultural domains (NIDA, 1964; AUBERT, 1981, 2006). Most of the culturally marked terms related to the Arabic culture were inserted in the material, ecological and ideological domains. The results suggest that the Brazilian novel maintains references to the Arabic culture by the broad use of loan, literal translation and explicitation.

Keywords: Brazilian Literature; Corpus-based Translation Studies; Milton Hatoum.

Resumo: O presente artigo apresenta alguns resultados obtidos no estudo sobre termos culturalmente marcados referentes à cultura árabe em um *corpus* constituído pelo romance brasileiro *Relato de um certo Oriente* (1989), de Milton Hatoum, e sua tradução para o inglês, *The tree of the seventh heaven*, de Ellen Watson. Para a análise, adotamos a abordagem interdisciplinar proposta por Camargo (2005, 2007) envolvendo os estudos da tradução baseados em *corpus* (BAKER, 1993, 1995, 1996, 2000) e os trabalhos sobre domínios culturais (NIDA, 1964; AUBERT, 1981, 2006). Identificamos um grande número de marcadores linguísticos referentes à cultura árabe, inseridos nos domínios da cultura material, ecológica e ideológica. Os resultados obtidos revelaram um interesse na manutenção das referências à cultura árabe no texto de chegada, por meio da ampla utilização de empréstimo, tradução literal e explicitação.

Palavras-chave: Literatura Brasileira; Estudos da Tradução baseados em *Corpus*; Milton Hatoum.

Introdução

Milton Hatoum, escritor brasileiro de ascendência libanesa, nasceu em Manaus e consagrou-se com as publicações de *Relato de um certo Oriente* (1989) e *Dois irmãos* (2000), seus primeiros romances. Nessas obras, encontramos uma construção literária assentada em suas memórias familiares, envolvendo temas como o regresso à vida em família, a busca de autoconhecimento e a relação entre o Oriente e o Ocidente. O primeiro livro de Hatoum, *Relato de um certo Oriente* (1989), narra a estória de uma família de imigrantes libaneses a partir de diferentes relatos, feitos por amigos e familiares da narradora principal, inominada no texto, que regressa à sua cidade natal com o objetivo de rever a mãe adotiva e investigar suas origens. Na obra, há oito capítulos narrados por quatro diferentes personagens: a narradora principal, neta e filha adotiva de Emilie, matriarca da

família, e outros três narradores, Hakim, o filho mais velho de Emilie, o alemão Dorner e Hindié Conceição, amigos da família. O romance foi traduzido para o inglês, inicialmente, como *The tree of the seventh heaven* (1994), pela escritora e tradutora norte-americana Ellen Watson e, em 2004, o mesmo texto foi republicado como *Tale of a certain Orient*, com revisão de John Gledson.

Em entrevista à revista *Crioula*, Hatoum comenta a opção pelo título da obra:

A verdade é que foi difícil encontrar este título. Para mim foi um achado. Eu já havia praticamente terminado o romance e tinha outros títulos em mente, como “Retratos da memória”. Eu lembro que esse era um dos títulos possíveis, mas gostei desse título *Relato de um certo Oriente*, porque nele há várias perguntas. De que Oriente nós estamos falando? De um determinado Oriente? Mas qual deles? É isso que o livro insinua. É o mistério em torno desse Oriente que está um pouco nebuloso, e ainda não se sabe qual é o Oriente do romance. (EL GEBALY, 2010)

Como mostra o excerto, o autor associa a dupla indefinição do título (não é de certo, mas de *um certo Oriente*) ao fato de o romance insinuar, suscitar perguntas sobre o “Oriente” da obra. Apesar da relevância do título *Relato de um certo Oriente* (1989) para representar umas das temáticas da obra em língua portuguesa, a tradutora norte-americana Ellen Watson opta por *The tree of the seventh heaven* (1994), palavras encontradas na obra para descrever a primeira impressão do marido de Emilie ao chegar à cidade de Manaus após deixar o Líbano. Esse título é alterado para *Tale of a certain Orient* (2004) quando o livro é republicado com revisão de John Gledson.

Embora a obra de Hatoum não apresente características explicitamente regionalistas (VIEIRA, 2007), é importante ressaltar que *Relato de um certo Oriente* (1989) tem como cenário a região de Manaus, que assiste, no início do século XX, à época da decadência do período de ouro da borracha e tenta adaptar-se ao processo de modernização ocorrido no país. A cidade recebe imigrantes de muitos países e, sob o foco particular de Hatoum, as famílias vindas do Líbano, comerciantes que trazem um legado cultural que se mescla à tradição amazonense.

As diferentes vozes narrativas e a confluência de valores culturais encontrados na obra resultam na imagem de mundos encaixados que, segundo Tânia Pellegrini,

são como territórios concêntricos, um dentro do outro: a Manaus real e seu duplo, a Manaus imaginária; dentro, a colônia libanesa, no centro da qual as casas das famílias avultam como espaço privilegiado. Desses territórios fecundos – aos quais corresponde a própria forma narrativa, montada com relatos que brotam uns de dentro dos outros – Hatoum extrai sua matéria, constituída por uma malha cultural variada e típica, baseada na interrelação entre imigrantes, estrangeiros e nativos, que estabelecem relações de identidade e de estranhamento com um mundo diverso, no qual um difuso sentido de perda está sempre presente. (2004, p. 128)

Esse caráter multicultural de *Relato de um certo Oriente* (1989) mostra-se também no “idioma híbrido que Emilie inventava todos os dias” (HATOUM, 1989, p. 166), mesclando o árabe, o português e o francês, na culinária e nas crenças religiosas da personagem que, apesar de assumir-se católica, também procurava respeitar ritos indígenas e muçulmanos. Esses diferentes mundos e identidades que coexistem e interpenetram-se na obra de Hatoum

constroem no ambiente amazônico um “certo Oriente” que inspirou-nos a realizar a presente investigação sobre a tradução dos marcadores linguísticos da cultura árabe no par de obras *Relato de um certo Oriente/ The tree of the seventh heaven*.

Perspectiva teórica

Para realizarmos a investigação, adotamos a abordagem interdisciplinar proposta por Camargo (2005, 2007) envolvendo os estudos de tradução baseados em *corpus* (BAKER, 1993, 1995, 1996, 2000) e a linguística de *corpus* (BERBER SARDINHA, 2000, 2004). Também recorreremos à proposta de Nida (1945) e de Aubert (1981, 2006) para a classificação dos termos culturalmente marcados por domínios ecológico, material, social e ideológico.

O levantamento de dados foi realizado com auxílio do programa WordSmith Tools (SCOTT, 2007), que disponibiliza ferramentas de busca eficientes para pesquisas em *corpora* de tradução. Primeiramente, utilizamos a ferramenta WordList para gerar as listas de frequência de todas as palavras presentes no texto de partida e depois prosseguimos a seleção dos termos para análise. Considerando que a definição da origem de uma palavra e de sua associação à determinada cultura constitui uma tarefa complexa e, muitas vezes, subjetiva, apoiamo-nos em dois dicionários para a seleção dos marcadores linguísticos da cultura árabe: *Dicionário Houaiss eletrônico da Língua Portuguesa (2009)* e *Dicionário de termos árabes da língua portuguesa (2006)*. Após a identificação dos marcadores, procedemos à distribuição por domínios culturais segundo a proposta de Nida (1945) e a reformulação de Aubert (1981). Por fim, recorreremos à observação de cada termo nos respectivos cotextos por meio da ferramenta Concord e prosseguimos a análise.

Os termos “culturalmente” marcados

Sabe-se que o termo cultura pode apresentar diferentes significados. Bosi (1992, p. 319) afirma relata que, de acordo com a visão antropológica, cultura pode representar o “conjunto de modos de ser, viver, pensar e falar de uma dada formação social”; e, ao mesmo tempo, também pode assumir um sentido mais restrito, pelo qual cultura é apenas “o mundo da produção escrita provinda, de preferência, das instituições de ensino e pesquisa superiores”. Considerando a visão antropológica do termo, o autor define o que chama de “cultura popular”:

Cultura popular implica modos de viver: o alimento, o vestuário, a relação homem-mulher, a habitação, os hábitos de limpeza, as práticas de cura, as relações de parentesco, a divisão das tarefas durante a jornada e, simultaneamente, as crenças, os cantos, as danças, os jogos, a caça, a pesca, o fumo, a bebida, os provérbios, os modos de cumprimentar, as palavras tabus, os eufemismos, o modo de olhar, o modo de sentar, o modo de andar, o modo de visitar e ser visitado, as romarias, as promessas, as festas de padroeiro, o modo de criar galinha e porco, os modos de plantar feijão, milho e mandioca, o conhecimento do tempo, o modo de rir e de chorar, de agredir e de consolar... (BOSI, 1992, p. 319)

Com base na definição acima, percebemos como o significado de cultura pode ser complexo e abrangente.

De acordo com Bhabha (2007, p. 97), a hibridização da linguagem suscita o questionamento da possibilidade de traçarmos uma linha divisória entre as línguas, culturas e povos. Dessa maneira, o autor explica que “a diferença de culturas não pode ser identificada ou avaliada como objeto de contemplação epistemológica ou moral: as diferenças culturais não estão simplesmente *lá* para serem vistas ou apropriadas” (2007, p. 165-166). Nessa perspectiva, afirma que cada nomeação cultural representa a “impossibilidade da identidade transcultural ou das sinapses simbólicas; a cada vez se repete a incompletude da tradução” (BHABHA, 2007, p. 186).

Partindo do princípio de que as línguas e linguagens são fenômenos culturais, Aubert (2006) explica a definição de cultura adotada por ele, que limita o foco de estudo ao marcador cultural linguisticamente expresso:

o objeto de estudo aqui proposto não é composto pelas línguas, enquanto sistemas ou estruturas abstratas, e sim pelos atos de enunciação, de fala, de produção verbal, que se realizam, por definição, em contextos e co-textos específicos. Nesta perspectiva, o marcador cultural será visto menos como um fato de dicionário e mais como de discurso. (p. 27)

Com base na definição de Aubert (2006), entendemos que a identificação dos termos culturalmente marcados será dependente da análise de seus respectivos contextos e cotextos de ocorrência na obra, podendo estar distribuídos em diferentes domínios (AUBERT, 1981, 2006):

1. Domínio ecológico: vocábulos que designam seres, objetos e eventos da natureza, em estado natural ou aproveitados pelo homem, desde que o conteúdo intrínseco do vocábulo não revele alteração pela ação humana voluntária. Ex.: tâmaras, açafraão, âmbar, benjoim, cânfora, miski, etc.¹
2. Domínio da cultura material: vocábulos que designam objetos criados ou transformados pelo homem, ou atividades humanas. Ex.: narguilé, alifebata, áraque, cimitarra, esfiha, raha, etc.
3. Domínio da cultura social: vocábulos que designam o próprio homem, suas classes, funções sociais e profissionais, origens, relações hierárquicas, bem como as atividades e eventos que estabelecem, mantêm ou transformam essas relações. Ex.: árabe, orientais, persa, fenício, sultão, levantino, etc.
4. Domínio da cultura ideológica: vocábulos que designam crenças, sistemas mitológicos, e as entidades espirituais que fazem parte desses sistemas, bem como as atividades e eventos gerados por tais entidades. Ex.: suratas, Alcorão, hadji, mesquita, muezim, Ramadã, etc.

Embora faça a distinção dos domínios, o autor explica que os termos culturalmente marcados podem pertencer a um ou mais domínios, dependendo da situação de uso. Neste artigo, apresentaremos os termos culturalmente marcados que fazem referência à cultura árabe que se mostraram mais frequentes na obra, a fim de serem examinados em relação aos quatro domínios culturais.

¹ Exemplos retirados de nosso estudo.

Resultados e discussão

Encontramos na obra uma grande quantidade de termos referentes à cultura árabe, sendo que nem todos podem ser encontrados em dicionários comuns da língua portuguesa por se tratarem de empréstimos ou decalques da língua árabe. Ao pesquisarmos a etimologia das palavras do texto de partida no *Dicionário de termos árabes da língua portuguesa* (2006), encontramos muitos termos que estão totalmente integrados à língua portuguesa, o que torna a identificação de sua origem etimológica imperceptível ao leitor comum. Por esse motivo, baseamo-nos também na aceção dos termos para identificação da associação com a cultura árabe.

A maior parte dos termos culturalmente marcados presentes na obra faz parte do *domínio da cultura material*, que engloba vocábulos que designam objetos criados ou transformados pelo homem, ou atividades humanas. A palavra “narguilé”, por exemplo, espécie de cachimbo usado por hindus, persas e turcos, é traduzida por meio de diferentes modalidades: *water pipe* (modulação com explicitação), *narghile* (decalque) e *pipe* (modulação):

- (01) Trazia na bagagem uma quantidade exorbitante de iguarias orientais e uma caixa do indispensável tabaco persa para nutrir o vício dos levantinos mais velhos, que só fumavam o **narguilé** com o tabaco oriundo de Teerã.

His suitcases contained an exorbitant quantity of Eastern delicacies and a box of indispensable Persian tobacco to feed the vice of the oldest Levantines, who smoked only native Tehran tobacco in their **water pipes**.

- (02) Permanecia horas ao lado das duas mulheres, magnetizado pelo desenho dourado gravado no corpo vítreo do **narguilé**, nas contas de cor carmesim que formavam volutas ou caracóis semi-imersos no líquido nacarado, e no bico de madeira que terminava num orifício delicado, como se fossem lábios preparados para um beijo.

I'd sit nearby for hours, captivated by the **narghile**—the gold design on its glass base, the crimson beads forming whorls and corkscrews half-submerged in the bright pearly liquid, and the wood mouthpiece that ended in a delicate opening, like lips puckered for a kiss.

- (03) Eu deixava de contemplar os arabescos do **narguilé** para ponderar sobre isso e aquilo, e tentava dar outro rumo ao assunto, uma reviravolta no tempo e no espaço, passar do Mediterrâneo ao Amazonas, da neve ao mormaço, da montanha à planície.

I'd stop contemplating the arabesques on the **pipe** and wonder aloud about this or that, trying to take the conversation in a different direction, doing a turnaround in time and space, leaping from the Mediterranean to the Amazon, from snow and wind to sultry weather, from mountains to plains.

Essa ocorrência de diferentes traduções para a mesma palavra no texto de partida também foi observada em outras pesquisas envolvendo textos literários (RIBEIRO, 2006; VALIDÓRIO, 2008) e pode indicar uma preocupação em facilitar a compreensão do vocábulo na língua de chegada.

Outro exemplo de marcador cultural referente ao domínio material é o doce árabe de massa folheada, que aparece do texto de partida como “folheados”. Para traduzir “folheados”, a tradutora utiliza *baklava* (modulação) e *squares* (adaptação) no texto de chegada:

- (04) Um batalhão de formigas de fogo, atraído pelo mel dos **folheados**, dos farelos e das migalhas, invadira as vitrinas; na mesa e nos pratos espalhava-se uma mixórdia de ossos, caroços e cascas de frutas, e nas travessas de porcelana cresciam chumaços de moscas.

A battalion of fire ants, attracted by the crumbs and the honey in the **baklava**, had invaded the showcases; the table was littered with a jumble of bones and fruit rinds, and the porcelain serving platters swarmed with flies.

- (05) Uma espécie de asco e repulsa tingia-lhes o rosto, já não comiam com a mesma saciedade e recusavam-se a elogiar os pastéis de picadinho de carneiro, os **folheados** de nata e tâmara, e o arroz com amêndoas, dourado, exalando um cheiro de cebola tostada.

A kind of disgust and revulsion was written on their faces; they stopped eating with their usual gusto and not a word of praise was heard for the lamb pastries, **date squares with cream**, or golden rice with almonds exuding an aroma of toasted onions.

Como mostram os fragmentos, o termo *baklava* refere-se a um pastel elaborado com uma pasta de nozes trituradas, envolvida num folheado e banhada em xarope ou mel, na gastronomia árabe. Nesse caso, a tradutora opta por um termo que apresenta uma associação mais direta com a cultura árabe, se comparado ao termo em português, que apresenta sentido mais amplo. A tradução por *date squares*, doce comum no Canadá e nos Estados Unidos, que também pode ser feito com massa folheada, ajuda o leitor americano a imaginar como seria o doce árabe. Esse exemplo corrobora afirmação da dificuldade existente na tradução de termos da culinária, observada em trabalhos como o de Tagnin e Teixeira (2004).

Para traduzir as palavras “tabule” e “esfiha”, inicialmente, a tradutora utiliza a tradução literal e o decalque dos termos, respectivamente:

- (06) Ela dava a comida na boca de Samara, vigiava meu apetite, beliscava um salgadinho, sem deixar de perguntar a Arminda se tinha notícias dos parentes portugueses, e a dona Sara Benemou quando a sinagoga seria inaugurada e se em Rabat conheciam o **tabule** e a **esfiha** com picadinho de carneiro, e a todos os convivas, com um olhar aceso e abrangente, se já sabiam que Dorner estava de volta à cidade.

She popped food into Samara’s mouth and daintily sampled the hors d’oeuvres herself, chatting all the while, asking Arminda if she’d heard from her relatives in Portugal, asking Sara Benemou when the synagogue was scheduled to open and whether **tabouleh** and **esfiha** with ground lamb were common in Rabat, and asking every-one, with an excited and all-inclusive look, whether they’d heard that Dorner was back in town.

Mais adiante, contudo, ocorre a omissão de uma frase completa do texto em língua de partida no texto em língua de chegada:

- (07) Antes que ele desaparecesse sozinho na noite, Emilie começou a bater palmas, a tagarelar, e me separou de Samara para dançar comigo, e então dançamos e rimos sem a sombra do meu pai na casa iluminada. **E, como um retrato que se anima ou um grupo de esculturas que se move, as outras pessoas nos acompanharam na dança e Arminda tornou a sorrir enquanto Hindié arrumava o vaso de jasmim na mesa e tirava do forno os folheados e as esfihas.**

— Indiquei o lugar de cada um na mesa, sem saber se alguém ia assistir à missa do galo — continuou Hindié, fumando com ansiedade, tragando e arfando ao mesmo tempo, e a mão que segurava o leque tremelicava como as asas de um beija-flor.

As he disappeared alone into the night, Emilie began clapping and chattering, and pulled me away from Samara to dance with her, and so there was dancing and laughter without the shadow of my father troubling the brightly lit house.

“I showed people to their places at the table, without any idea if they planned on going to midnight mass”, Hindié went on, smoking nervously inhaling and exhaling practically simultaneously the hand with the fan quivering like the wings of a hummingbird.

Observamos que a frase omitida no texto em língua de chegada trazia informações que caracterizavam o ambiente da festa familiar, porém não acrescentava informações imprescindíveis à narrativa. Nessa frase também encontramos as palavras “folheados” e “esfihas”, termos referentes à culinária árabe. Nesse caso, como os termos já haviam sido traduzidos anteriormente na obra, acreditamos que a omissão possa ter ocorrido com intuito de favorecer a fluência do texto em língua de chegada.

A constante mistura de pratos orientais e amazônicos na obra também ilustra a dificuldade em traçarmos uma linha divisória entre ambas as culturas na tradução de termos ligados à culinária.

Ainda no domínio da cultura material, a tradutora faz uso do empréstimo ao se deparar com a palavra “alifebata”, que significa o abecedário da língua árabe:

- (08) Nessa noite, ao me acompanhar até o quarto, minha mãe sussurrou que no próximo sábado começaríamos a estudar juntos o “**alifebata**”. Sentada na cama, me confidenciou que sua avó lhe ensinara a ler e escrever, antes mesmo de frequentar a escola.

That night, my mother sat down beside me on my bed before kissing me goodnight and whispered that the following Saturday we would begin to study the “**alifebata**” together. She told me that her grandmother had taught her to read and write before she even went to school.

Acredita-se que, geralmente, quando a tradutora utiliza tradução literal, decalque ou empréstimo, pode haver uma preocupação em “aproximar” a cultura do texto de partida e a cultura do texto de chegada. No entanto, observamos na análise que nem sempre ocorre essa aproximação. No caso da tradução da palavra “algaravia”, que significa “a fala ou escrita árabe” e, em sentido figurado, “uma linguagem muito confusa” (HOUAISS, 2009), a tradução para o inglês não engloba a primeira acepção do termo, que faz referência à cultura árabe:

- (09) Enquanto fazia as fotos da família Ahler, eu pensava nas conversas que tivera com Emir, ele falava uma **algaravia**, era difícil compreendê-lo; me sentia diante de um narrador oral do norte da África, ele tinha esse dom de narrar e convencer com a voz o interlocutor, com a voz, não exatamente com as palavras, porque muitas frases eram incompreensíveis.

As I photographed the Alhers, past conversations I’d had with Emir came to mind. He spoke in a **kind of gibberish**; I always felt as if I were listening to a North African storyteller, someone with an incredible gift for convincing people with his voice, rather than his words, since much of what he said was incomprehensible.

O mesmo acontece com o termo “açafate” – pequeno cesto de vime, sem arco nem asas – e outros termos de etimologia árabe na língua portuguesa que deixam de fazer referência ao mundo árabe ao serem vertidos para o inglês:

- (10) Ela nos conduziu à calçada sombreada por uma castanheira, abriu um **açafate** de palha e ofereceu-nos frutas. Da minha sacola retirou um caderno e um lápis, e começou a escrever, movendo vagarosamente a mão no sentido do percurso solar, semeando entre as pautas negras uma caligrafia dançante, enigmática como os hieróglifos.

Emilie led us out to the sidewalk, sat us down under a chestnut tree, opened a **straw basket**, and offered us some fruit. Then she removed a notebook and pencil from my knapsack and began writing, her hand moving easily and slowly in a cursive scrawl, sowing among the black lines a dancing script, enigmatic as hieroglyphics.

Constatamos que esses casos são decorrentes de diferenças entre os dois sistemas linguísticos e resultaram em uma quantidade inferior de termos identificados com etimologia árabe no texto de chegada, em comparação com a grande quantidade de termos presentes no texto de partida.

No *domínio da cultura ideológica*, que se refere aos vocábulos relacionados a crenças, sistemas mitológicos e entidades espirituais, encontramos a palavra “surata” – seção, versículo ou capítulo do Corão – traduzida por *suras* (tradução literal) no texto de chegada:

- (11) Dorner discordava. Dizia: “É um exagero, nós nunca estamos sozinhos com Deus”; advertia-me que os Benemou liam o Talmude a quatro ou seis olhos. Eu replicava, dizendo que na leitura das **Suratas** não havia olhos solidários aos do meu pai, pois do seu confinamento só compartilhava o Livro: as palavras estavam impressas na sua solidão.

Dorner disagreed: “That’s an exaggeration; we’re never alone with God.” He informed me that the Benemou family read the Talmud together, in groups of two or three. I told him that, for my father, when it came to reading the **suras** there was no such thing as kindred eyes, because only the Book shared his solidarity: the words were engraved on his solitude.

No *Dicionário de termos árabes da língua portuguesa* (2006), “sura” é sinônimo de “surata” e, na tradução, a tradutora opta pela forma mais comum na língua inglesa.

Outros exemplos de marcadores pertencentes ao domínio da cultura ideológica são: “minarete” e “muezim”. “Minarete” é nome da torre alta e fina, com três ou quatro andares e balcões salientes, nas mesquitas, de onde o “muezim”, uma espécie de anunciante, conclama os muçulmanos às orações. No texto de chegada, ambas as palavras recebem traduções literais:

- (12) Depois que ela perdeu o marido, a filha tomou conta da Parisiense sem a ajuda de ninguém, e deu um impulso tão grande na loja que no fim de alguns anos Emilie chegou a caçoar do finado:
— Ganhamos em cinco anos o que deixamos de ganhar em cinquenta; a vocação dele era vociferar no alto de um **minarete**, em vez de ficar mudo atrás do balcão.

After her father’s death, Samara took charge of the Parisian all by herself and put such energy into the store that within a few years Emilie had to mock her dead husband:

“In five years that store has made more than it did in fifty with him in charge! He was better at sermonizing from a **minaret** than at standing quietly behind the counter.”

- (13) Levava o narguilé com incrustações de madrepérola, um pote de vidro com sementes secas de jerimum, um embrulho com pão e zatar, e o rádio Philco holandês, oito faixas, que captava as ondas do ocidente e oriente, sintonizando estações do Cairo e de Beirute que o colocavam a par das últimas notícias, transmitiam programas musicais e a voz possante de um **muezzim** que eu ouvi, anos depois, na gravação que ele me dera de presente.

Those who considered extending their hands were relieved to see his arms loaded with enough provisions for a trek across the desert: a water pipe inlaid with mother-of-pearl, a water jug full of dried pumpkin seeds, a package of bread and zaatar, and an eight-band Dutch-made Philco radio that picked up stations from Cairo and Beirut broadcasting the latest news and musical programs from that part of the world as well as the commanding voice of a **muezzin** calling the hour of daily prayer, a recording of which, years later, he would give me as a present.

A tradução de todos os termos pertencentes à cultura ideológica resultou em associações com a cultura árabe, como ocorre com os termos em língua de partida.

Os vocábulos que indicam seres, objetos e eventos da natureza, em estado natural ou aproveitados pelo homem, são o foco do *domínio da cultura ecológica*. Foram encontrados poucos termos referentes a esse domínio e todos recebem tradução literal no texto de chegada, como é o caso de “tâmaras”/dates e “âmbar”/amber:

- (14) Alguns, temendo não ser convidados para o jantar do sábado — quando seria preparado o pernil de carneiro assado com **tâmaras** — esperavam ansiosos o momento da despedida, para que meu pai citasse a frase em que Deus permitia abrir-lhes as portas da casa para a ceia de amanhã.

Some, worried that they would not be invited back for Saturday night—when the leg of roast lamb with **dates** would be served—awaited anxiously the moment of leave-taking, hoping that Father would quote the line about God permitting him to open the doors to them for tomorrow’s dinner.

- (15) Emilie respondeu beijando nossos olhos. Estava perfumada como nunca, e ao afagar meus cabelos notei que usava o anel de safira, tão comentado nas conversas sobre as jóias do Oriente; os cabelos, presos na nuca por um coque, deixavam reluzir a testa lisa e amendoada, que recendia a **âmbar**.

Emilie’s answer was to come kiss us goodnight. She was perfumed as never before, and when she tousled my hair I noticed she was wearing the sapphire ring so remarked upon in conversations about jewelry from the East; her hair was pulled back in a knot at the back of her neck, accentuating her smooth forehead, which smelled of **amber** and was the color of almonds.

Com relação ao domínio da *cultura social*, cujos marcadores designam o próprio homem, suas funções profissionais e origens, encontramos termos como “árabe”, que se refere à origem, e a palavra “sultão”, que expressa *status* social. Na tradução da palavra “árabe”, observamos casos de tradução literal e de explicitação:

- (16) Tio Hakim concordou sem insistir em falar com Emilie, sabendo que a mãe andava meio surda, e só escutava a voz de duas ou três pessoas além de Hindié Conceição, e assim mesmo era necessário falar aos berros, bem devagar e em **árabe**.

Uncle Hakim agreed without insisting on talking to Emilie, knowing that his mother was half deaf and could only understand two or three people’s voices besides Hindié Conceição, so that talking to her meant bellowing loudly and slowly, and in **Arabic**.

- (17) As primeiras **lições** foram passeios para desvendar os recantos desabitados da Parisiense, os quartos e cubículos iluminados parcialmente por clarabóias: o corpo morto da arquitetura. Sentia medo ao entrar naqueles lugares, e não entendia por que o contato inicial com um idioma inaugurava-se com a visita a espaços recônditos.

My first **Arabic lessons** consisted of little excursions into the veiled and secluded nooks and crannies of the Parisian, rooms and cubicles lit dimly by skylights: the dead spaces of architecture. Those little rooms scared me, and I didn’t understand why my initial contact with the language should consist of visiting them.

O mesmo ocorre na tradução de topônimos referentes a cidades árabes, que recebem tradução literal e explicitação no texto de chegada:

- (18) Essa passagem de sua vida bem como outras disseminadas entre o **Libano** e Manaus, consegui ordená-las graças às cartas empilhadas sob o disco do pêndulo, nos confins da caixa de madeira.

I finally did manage to piece together the details of that episode in her life, though, as well as others both in **Lebanon** and Manaus, thanks to the letters wedged in under the disk-shaped weight of the pendulum tucked inside its wooden box.

- (19) Só então me lembrei de verificar o retrato entre as duas folhas de cartão. Era um outro retrato de Hanna, ainda jovem, antes de **partir**; mas parecia também o retrato do seu filho.

Suddenly I remembered the photograph hidden between the two pieces of cardboard. Ripping them apart, I found another picture of Uncle Hanna, from long ago, before he **left Lebanon**; but it could just as easily have been his son.

A palavra “sultão”, por sua vez, é traduzida por *sultan* (tradução literal):

- (20) Anfitrião mudo, asceta mesmo cercado por pessoas, ele teria preferido se evadir no quarto, compactuar com o silêncio das paredes brancas, e, com o livro em punho, acompanhar a deposição de um **sultão** que reinava numa cidade andaluz, seguir seus passos através dos sete aposentos de um castelo indevassável, até tocar na parede do último aposento, onde estava lavrado o destino sinistro do invasor.

A mute host, ascetic even in the face of gregariousness, he would have preferred to escape to his room, to commune with the silence of white walls and, the Book in hand, to trace the deposing of a **sultan** who had ruled an Andalusian city, following his footsteps through the seven rooms of an impenetrable castle, until reaching the last room, where the sinister destiny of the invader was sealed.

Ainda no domínio da *cultura social*, e para encerrar a análise, selecionamos as palavras “Oriente” e “Orientais”. Para a palavra “Oriente”, encontramos o termo *East* no texto de chegada:

- (21) Emilie respondeu beijando nossos olhos. Estava perfumada como nunca, e ao afagar meus cabelos notei que usava o anel de safira, tão comentado nas conversas sobre as jóias do **Oriente**; os cabelos, presos na nuca por um coque, deixavam reluzir a testa lisa e amendoada, que recendia a âmbar.

Emilie’s answer was to come kiss us goodnight. She was perfumed as never before, and when she tousled my hair I noticed she was wearing the sapphire ring so remarked upon in conversations about jewelry from the **East**; her hair was pulled back in a knot at the back of her neck, accentuating her smooth forehead, which smelled of amber and was the color of almonds.

Em contrapartida, a palavra “orientais” recebe três traduções diferentes: *Oriental*, *Eastern* e *Middle-Eastern*:

- (22) Duas salas contíguas se isolavam do resto da casa. Além de sombrias, estavam entulhadas de móveis e poltronas, decoradas com tapetes de Kasher e de Isfahan, elefantes indianos que emitiam o brilho da porcelana polida, e baús **orientais** com relevos de dragão nas cinco faces.

Two adjoining large rooms stood apart from the rest of the house. In addition to being dark, they were crammed with armchairs and other furniture, decorated with carpets from Kasher and Esfahan, gleaming porcelain elephants from India, and **Oriental** chests with dragons embossed on five sides.

- (23) No momento em que ele desembarcou, Emilie já tinha expirado. Chegou no início da noite de sexta-feira, depois de mais de dez horas de um vôo complicado e cheio de escalas. Trazia na bagagem uma quantidade exorbitante de iguarias **orientais** e uma caixa do indispensável tabaco persa para nutrir o vício dos levantinos mais velhos, que só fumavam o narguilé com o tabaco oriundo de Teerã.

By the time his plane landed, Emilie had already died. He arrived early Friday evening, after a ten-hour flight with many stopovers. His suitcases contained an exorbitant quantity of **Eastern** delicacies and a box of indispensable Persian tobacco to feed the vice of the oldest Levantines, who smoked only native Tehran tobacco in their water pipes.

- (24) Antes de meia-noite, a vitrola tocava canções portuguesas e **orientais** ritmadas com palmas, e os vizinhos estrangeiros, vestidos a caráter, vinham cumprimentar Emilie e assistir às filhas de Mentaha dançarem após a ceia.

Loud hand-clapping accompanied Portuguese and **Middle-Eastern** music on the Victrola as neighbors from other countries, dressed for the occasion, came to greet Emilie and to watch Mentaha’s daughters dance.

É interessante notar que a tradutora escolhe termos que, embora se refiram ao Oriente, abrangem diferentes países e culturas. Na primeira tradução de “oriental” por *oriental* no inglês, sobressaem a China, o Japão e a Coreia como principais representantes desse mundo oriental. Esse termo também apresenta uma conotação negativa, como a visão de oriente construída em oposição ao ocidente (SAID, 2007). A segunda alternativa de tradução, *Eastern*, engloba os países do continente asiático e da Europa oriental. Por sua vez, a região que inclui o Irã e o Egito e os países entremeados fica mais evidente na tradução do termo por *Middle Eastern*.

Considerações finais

Entendendo que a distribuição de marcadores por domínios culturais reflete temas e subtemas desenvolvidos na obra, observamos na análise que a maior parte dos marcadores linguísticos que fazem referência à cultura árabe na narrativa de Hatoum pertencem ao domínio da cultura material e retratam objetos criados ou transformados pelo homem, principalmente os sabores e aromas do oriente, além de atividades humanas. Em seguida, destacam-se os marcadores inseridos no domínio da cultura ideológica, que designam crenças, sistemas mitológicos, e as entidades espirituais que fazem parte desses sistemas, bem como as atividades e eventos gerados por tais entidades. No caso, elementos ligados à religião muçulmana foram predominantes. Os demais marcadores ocorrem com menor frequência na obra e distribuem-se nos domínios ecológico e da cultura social.

Constatamos uma preocupação por parte da tradutora com relação à manutenção das referências ao mundo árabe no texto de chegada, por meio da ocorrência elevada de traduções literais, empréstimos e explicitações. Embora tenham ocorrido em menor quantidade, as omissões sugerem um interesse pela fluência do texto traduzido. Por fim, como podemos observar nas diferentes traduções da palavra “Oriental” para o inglês, também não há uma delimitação geográfica exata do oriente de Hatoum no texto em língua de chegada. A incerteza sobre o “Oriente” também permeia a tradução da obra.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AUBERT, Francis Henrik. *A tradução do intraduzível*. São Paulo: FFLCH, USP, 1981.
- _____. Indagações acerca dos marcadores culturais na tradução. *Revista de Estudos Orientais*, São Paulo, v. 5, p. 23-36, 2006.
- BAKER, Mona. Corpus linguistics and translation studies: implications and applications. In: BAKER, M.; FRANCIS, G.; TOGNINI-BONELLI, E. (Eds.). *Text and technology: in honour of John Sinclair*. Amsterdam: John Benjamins, 1993. p. 233-250.
- _____. Corpora in translation studies: an overview and some suggestions for future research. *Target*, Amsterdam, John Benjamins, v. 7, n. 2, p. 223-243, 1995.
- _____. Corpus-based translation studies: the challenges that lie ahead. In: SOMERS, H. (Ed.). *Terminology, LSP and translation studies in language engineering: in honour of Juan C. Sager*. Amsterdam: John Benjamins, 1996. p. 175-186.
- _____. Towards a methodology for investigating the style of a literary translator. *Target*, Amsterdam, v. 12, n. 2, p. 241-266, 2000.

- BHABHA, Homi K. *O local da cultura*. Tradução de Eliana Lourenço de Lima Reis, Gláucia Renate Gonçalves e Myriam Ávila. 4. reimp. Belo Horizonte: Ed. da UFMG, 2007.
- BERBER SARDINHA, Tony. Linguística de corpus: histórico e problemática. *DELTA*, São Paulo, v. 16, n. 2, p. 323-367, 2000.
- _____. *Linguística de corpus*. São Paulo: Manole, 2004.
- BOSI, Alfredo. *Dialética da colonização*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.
- CAMARGO, Diva Cardoso de. *Padrões de Estilo de Tradutores: um estudo de semelhanças e diferenças em corpora de traduções literárias, especializadas e juramentadas*. 2005. 512 f. Tese (Livre-Docência em Estudos da Tradução) – Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, São José do Rio Preto.
- _____. *Metodologia da pesquisa em tradução e linguística de corpus*. São Paulo: Cultura Acadêmica; São José do Rio Preto: Laboratório Editorial do IBILCE, UNESP, 2007.
- EL GEBALY, Maged. Milton Hatoum: “Não há tantos tradutores de literaturas de língua portuguesa”. *Revista Crioula*, São Paulo, n. 07, maio de 2010. Disponível em: <<http://www.fflch.usp.br/dlcv/revistas/crioula/index.php>>. Acesso em: 25 jun. 2010.
- HOUAISS, Antônio. *Dicionário Houaiss eletrônico da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Editora Objetiva, 2009. CD-ROM.
- HATOUM, Milton. *Relato de um certo Oriente*. São Paulo: Cia. das Letras, 1989.
- _____. *The tree of the seventh heaven*. Tradução de Ellen Watson. New York: Atheneum, 1994.
- _____. *Dois irmãos*. São Paulo: Cia. das Letras, 2000.
- NIDA, Eugene. Linguistic and Ethnology in Translation Problems. In: HYMES, Dell (Org.). *Language in culture and society: a reader in linguistics and anthropology*. New York: Harper and Row, 1964. p. 90-100.
- PELLEGRINI, Tânia. Milton Hatoum e o regionalismo revisitado. *Luso-Brazilian Review*, University of Wisconsin, n. 41, v. 1, p. 121-135, 2004.
- RIBEIRO, Evelin Louise Pavan. *Um estudo de marcadores culturais da obra traduzida An Invincible Memory pelo autor/tradutor João Ubaldo Ribeiro*. 2006. 162 f. Dissertação (Mestrado em Estudos da Tradução) – Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, São José do Rio Preto.
- SAID, Edward W. *Orientalismo: o Oriente como invenção do Ocidente*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- SCOTT, M. *WordSmith Tools Version 5*. Oxford: Oxford University Press, 2007.
- TAGNIN, Stella E. O.; TEIXEIRA, Elisa D. Linguística de corpus e Tradução técnica: relato da montagem de um corpus multivarietal de culinária. *Tradterm*, São Paulo, n. 10, p. 313-358, 2004.
- VALIDÓRIO, Valéria Christiane. *Investigando o uso de marcadores culturais presentes em quatro obras amadeanas, traduzidas para o inglês*. 2008. 306 f. Tese (Doutorado em Estudos da Tradução) – Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, São José do Rio Preto.

VIEIRA, Júlio Doin. *Dicionário de termos árabes da língua portuguesa*. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2006.

VIEIRA, Noemi C. F. *Exílio e memória na narrativa de Milton Hatoum*. 2007. 154 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, São José do Rio Preto.